

Culto ao arrepio



Uma amiga me escreveu: *“Rogeeer, fui naquela igreja lá... meu, eles cantaram por 3 horas... de pé! Eu estava morta de cansada, tinha trabalhado o dia inteiro, não aguentei, dormi. Falei pro moço: ‘Mô, me chama na hora da Palavra!’ Quando acordei, eles estavam cantando. Perguntei pro mô: ‘Perdi a Palavra???’ , ele me respondeu meio sem graça: ‘Não, amor... não teve Palavra’. E, Roger, sabe o que mais me assustou? Eles ficam naquele estado de tipo... ‘super flutuação’, sabe? Odiei!”*

O relato da minha amiga não me surpreende nem um pouco. Quando se trata de adoração, há um fenômeno (que eu tento entender há anos), em que as pessoas acreditam piamente que adoração é uma experiência pessoal, totalmente particular, e que ninguém pode ensinar a respeito do tema porque adoração não se ensina. Diante disso, toda e qualquer sensação experimentada num ajuntamento cristão é tida como adoração. Assim, coloca-se nesse balaio todo arrepio, todo vislumbre e toda coincidência óbvia da palavra profética do:

“Você está passando por um problema, mas Deus vai te dar vitória!”

Mas o problema, ainda maior, não é confundir arrepio com presença santa de Deus, é fazer disso um vício. Sim! Porque à medida que eu condiciono o meu espírito a se desconectar da realidade da vida em meio a canções que me deixam em um estado hipnótico, num típico Om, ele simplesmente quer mais daquilo, afinal, tal qual droga barata, aquela sensação não é permanente, e ao apagar das luzes, ao som do último acorde, ela se vai.

O fato de nestes cultos não haver ministração da Palavra é simplesmente a confirmação de que o culto já tem seu cultuado: o arrepio. Palavra não arrepiam. Palavra não desconecta da vida. Palavra não arrebatam sentidos. Pelo contrário, Palavra te traz para o chão da vida. Palavra coloca seus sentidos no devido lugar e tira da sua frente todo o tipo de distração da realidade do hoje e do amanhã. Palavra arrebatam com o seu eu e nos convoca a um culto racional através da oferta voluntária da própria vida como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.

E de coração partido faço um alerta à igreja: essa é a pior prisão à qual uma pessoa de bom coração, de boas intenções e sedenta por mais de Deus pode ser submetida. Porque ela tem a falsa sensação de ter prestado culto. Sai dali com seu mantra: *“Ai, foi tão bom, né!?”*, mas vive à base do transitório, do passageiro, do efêmero. E, iludida pelo espetáculo, não percebe que é prisioneira das sensações, fiel do arrepio e devota do vazio.

No amor do Pai,

Roger

O parafuso



Isso é um parafuso. Eu sei, eu sei... você não acredita, mas isso é um parafuso.

Eu respeito muito a sua opinião, de verdade! Entendo que você cresceu numa família muito pra frentex, com uma visão ampla de mundo e repleta de amor, muito amor. Mas isso é um parafuso.

Entendo que podemos discutir a etimologia, claro, podemos divagar sobre a origem da palavra, como “pare fusu”, “parahuso” ou até de “bohreisen”, mas independente de sua semântica, isso é um parafuso.

E convenhamos, achar que o parafuso vai se sentir ofendido porque ele, na verdade, se sente um prego, é ter um parafuso a menos, né? Oras, se você

bater na cabeça dele por algum tempo, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, ele vai entrar, mas isso não vai torná-lo um prego! Goste você ou não, isso é um parafuso.

Veja, não é muito mais coerente rodá-lo ao invés de agredi-lo só pra tentar convencer o mundo de que você está certo? Oras, ele foi feito pra ser rodado - não é difícil de se perceber. Cada vez que você bate na cabeça dele, você está agredindo não apenas o parafuso, mas o seu criador. Porque quando ele o desenvolveu, ele tinha um propósito em mente, por isso, fez um projeto bem elaborado. E neste projeto diz que a única forma do parafuso cumprir a sua função é rodando, porque... isso é um parafuso.

Eu entendo que pode parecer chato. Claro, ficar rodando, rodando, rodando... deve ser enfadonho. Eu sei que o prego é mais ousado, arrojado, agressivo, mas ele é assim porque ele foi feito pra ser assim. E o fato de um ser agressivo e o outro ser mais passivo, não faz de nenhum deles melhor que o outro. Eles só são diferentes, porque... prego é prego, mas isso? Ah, isso é um parafuso.

E assim, eu não quero te convencer a nada. Aliás, eu acho que todo mundo é livre pra pensar o que quiser. Agora, você dizer que o manual do fabricante foi interpretado errado porque ele disse que todos esses materiais são para fixar coisas, e você entende que "tanto faz" e que, no fim das contas, o que importa é ficar tudo coladinho... olha, sinto lhe dizer, mas, cedo ou tarde, a inversão dos produtos vai fazer com que tudo se despedace! E não adianta culpar o fabricante! O manual é muito claro. Pregos aqui, parafusos ali. E no manual diz que... bem... diz que isso é um parafuso.

Mas sem problema, quem sou eu pra lhe contrariar? Até porque, mesmo que você continue invertendo a lógica das coisas, só pra agradar os seus parafu-

sos, e continue batendo cabeça e estragando muita madeira por aí, o parafuso vai continuar do mesmo jeito. Você pode, inclusive, chamá-los do que quiser, porque, goste você ou não...

Isso é um parafuso.

O papaizinho da hipergraça



Em tempos de hipergraça, chamar Jesus de papaizinho tornou-se algo corriqueiro em algumas canções ou ministrações da galera do Movimento Worship. Evidente que, diante do esfriar do amor e do distanciamento cada vez maior da humanidade em relação ao seu Criador, é muito melhor ter um cristão que precisa ser ensinado quanto à teologia bíblica, do que ter alguém

completamente alheio à graça. Contudo, é nosso papel alertar a comunidade cristã quanto à essa elasticidade forçada da graça.

Nós sabemos que a palavra *abbá* (אב) - a sílaba tônica é a segunda no original - é usada até hoje em Israel, principalmente pelas crianças. Ela seria um balbuciar infantil tal qual o nosso “papá”. Oras, ao fazer uso de uma palavra que denota tanta intimidade com o Pai (numa relação com a divindade totalmente anacrônica para Sua época), Jesus abre caminho para que tenhamos esse mesmo acesso íntimo ao nosso Deus. Porém, chamar seu genitor de papai, denota no mínimo uma relação profunda, não apenas de amor e carinho, mas consequentemente de respeito e submissão.

O grande problema dessa geração modinha, é que chama-se Jesus de papaizinho num drama meloso que beira a sensualidade, com vozes infantilizadas e frases que mais parecem juras de amor entre adolescentes com seus hormônios explodindo. Oras, você pode até achar que é a minha mente que está maldando a poesia, mas eu te explico porque não vejo coerência nessa melação.

Quando Jesus realiza o milagre da grande pesca, Pedro reconhece que está diante do próprio Deus e exclama: “Senhor, afaste-se de mim!”. A reação de Pedro nos dá talvez uma noção do que pode ter passado por sua mente. Parece-me que ele se dá conta de que aquele homem, que há pouco estava dentro do seu barco, tão próximo, tão simples, tão humano, era Deus disfarçado de gente.

Veja, o problema não é chamar Deus de Tu, de Você, de Eterno ou de Papai, o problema é não temê-Lo. Nós sabemos que esse temor não é o medo aterrorizante diante do perigo, mas ele é sim o medo diante de uma glória e santidade que podem simplesmente nos consumir com Sua presença. Não fosse o

Seu amor, nós seríamos, sim, consumidos. Perder essa noção é ignorar inocentemente o fato de que Ele é Deus e nós somos meros bonecos de barro que emprestamos seu fôlego de vida por um tempo.

Chame-o de Abbá, mas reverencie-O em toda Sua glória, não com caras e bocas, mas temendo-O de todo coração, e em santidade, mesmo depois que as luzes se apagam e a fumaça se esvai.

No amor do Pai,

Roger

Santinha e Dona Graça



Tarra sol. Dona Graça suarra em bicas. Exausta, sentou-se à beira do açude, que tarra mais seco que o bom dia de Seu Lunga.

- Arre água... que sede - se lastima agoniada, Dona Graça.

De repente, a salvação! Lá vem Santinha, rebolando mais que quenga na pracinha, com um balde réio na cabeça, cheim d'água. A fogosa ia passano toda despeitada:

- Oxi, Dona Graça!? Tais fazendo o quê, aqui por essas banda?

- Ô, minha fia... tentei ataiar por um caminhozinho ali pela mata, e cabeí aqui. Mas olhe... me dê água, me dê! - disse logo sem arrudeio, Dona Graça.

- Ah, Dona Graça... a senhora vai me desculpar, mas essa água aqui é pro Tonho. E a senhora sabe como é que é Tonho, se não fizer do jeitinho que ele diz, eu levo logo é uma pêia.

- Valha, Santinha! Que é que custa dividir um pouquinho d'água? Apois! Se tu soubesse com quem tarra falano, ia pedir água era pra mim, visse?

- Oxente! E a senhora tem lá de onde tirar água? Açude réi tá mais seco que sibito baleado!

- Pois eu faço é uma aposta contigo como eu tenho é mêimundo de água aqui comigo. - disse Dona Graça, convicta de sua resenha.

- Êita, que Dona Graça tá toda estrambólica hoje... - mangou Santinha já se indo embora. - Me dê esse mêimundo d'água que eu aproveito e já encho o açude que tá sequim - emendou Santinha com uma gargalhada.

- Chame lá seu "marido", Santinha, que eu explico melhor pra ele. - gritou Dona Graça arremedando.

- Ô, Dona Graça, a senhora tá achando que eu sou suas pariceira da igreja, é? - voltou Santinha já toda ouriçada - A senhora tá cansada de saber que Tonho não é meu marido. Por que tá me azucrinano?

- Se aveche não, Santinha! Não tô falano dessa água aí, não, estrupício! Tô falano é da Água da Vida!

- "Água da vida!?" Que diabeisso, Dona Graça?

- Santinha, a Água da Vida é uma água que não cessa nunca, mulher! Cê bebe, bebe, bebe e bebe... e ela continua jorrando de dentro do seu bucho feito chuarada!

- Êita, que Dona Graça bateu mesmo a cachulêta... Dona Graça, vá pra casa,

vá... que a senhora tá é abilolada!

- Santinha, já ouviste falar de Gezui?

Finalmente, Santinha sentou-se e ouviu Dona Graça falar por horas sobre aquela tal água benta que jorrava sem parar. E ao pôr do sol, Santinha reconheceu que ela era sedenta daquela água, e desde então, nunca mais Santinha voltou pra buscar água. Dizem até que ela abriu seu próprio poço.

Como diria o poeta: "Num sei, só sei que foi assim..."

Um altar ao deus dogma



Cresci em igreja tradicional. Lembro-me de uma noite em que, enquanto brincávamos de esconde-esconde durante o ensaio do coral, havia uma reunião pesada na sala pastoral - uma jovem era duramente inquirida sobre ter cortado seu cabelo. Depois de correr pro pix e estar a salvo, me debruçava sorrateiramente por uma pequena janela no alto daquela sala que dava para os fundos da igreja. Dava pra ouvir o choro e os questionamentos da moça.

Também era comum um pequeno rito para receber de volta à comunhão aquele irmão que havia adulterado. Aliás, não era difícil saber quem tinha pecado, já que por um ano a pessoa era proibida de participar da ceia. Ao término do castigo, ela ia à frente da igreja para saber se os irmãos a aceitavam de volta. Ah, e se a queda tivesse sido com alguém da própria igreja, iam os dois à frente.

Era comum ouvirmos histórias de gente que saiu da igreja durante esse período de exclusão. Afinal, as exclusões aconteciam por motivos bem questionáveis. Quase tudo era motivo, desde jogar bola, ter TV em casa, ir ao cinema, à praia, usar barba, brincos, batom... Os nossos pais na fé eram de fato bem zelosos no que diz respeito a usos e costumes. Neste zelo, expunham as pessoas à disciplina, crentes que estavam seguindo o exemplo de Paulo, quando expôs a Pedro na frente de todos.

É preciso lembrar que a maioria das igrejas tradicionais dos bairros era pastoreada por homens muito simples, que construíam a igreja literalmente, dividindo sua Bíblia com a colher de pedreiro. Apesar de sua ignorância, esses homens seguiam as regras à risca com muito temor diante de Deus. Poucos deles tiveram a oportunidade de estudar e saber, por exemplo, que Paulo repreendeu a Pedro por este anular a graça de Cristo em suas atitudes, tornando a Sua morte inútil aos olhos de todos, não por ter usado uma túnica dois dedos acima dos joelhos - essa era a regra para disciplinar as mulheres na min-

ha igreja (rs).

O tempo passou... a igreja superou praticamente todos os problemas quanto a usos e costumes. Porém, nem todos ficaram satisfeitos com essa evolução. Há um grupo de pessoas que não gostou nada desse afrouxamento da lei: os que conseguiam seguir fielmente todos aqueles preceitos. Afinal, as mulheres que podiam exibir um cabelo que jamais havia visto uma tesoura na vida eram muito bem vistas - isso é que era ostentação! E agora? Como mostrar publicamente a minha santidade, se todos os nossos santos dogmas foram jogados na lata do lixo?

Na verdade, o apóstolo Paulo já havia encerrado essa questão ao dizer que “essas regras têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne.” (Cl. 2.23). O problema é que quando você tira a religiosidade dogmática de quem tem sua fé alicerçada nesses preceitos, você tira-lhe o chão!

Troque a cor das paredes de sua igreja, e você perderá metade dos fiéis. Diga-lhes que não será mais necessário usar gravata nas reuniões, e você perderá a outra metade. Permita que a prostituta frequente os cultos porque ela lhe disse que ama ouvir os louvores, e o coral perderá muitos de seus componentes. Batize um jogador de futebol ou um funkeiro e você verá metade da comunidade evangélica se voltar contra você porque eles querem PRIMEIRO ver frutos de um arrependimento genuíno para, só então, permitir que aquele depravado se junte à NOSSA fé.

Há um altar erguido ao deus dogma bem no meio da porta central da igreja. Ao seu redor, estão milhares de devotos, curvados a regras e costumes que lhes dão garantia de salvação. Eles se amontoam em seu ódio e ojeriza por aque-

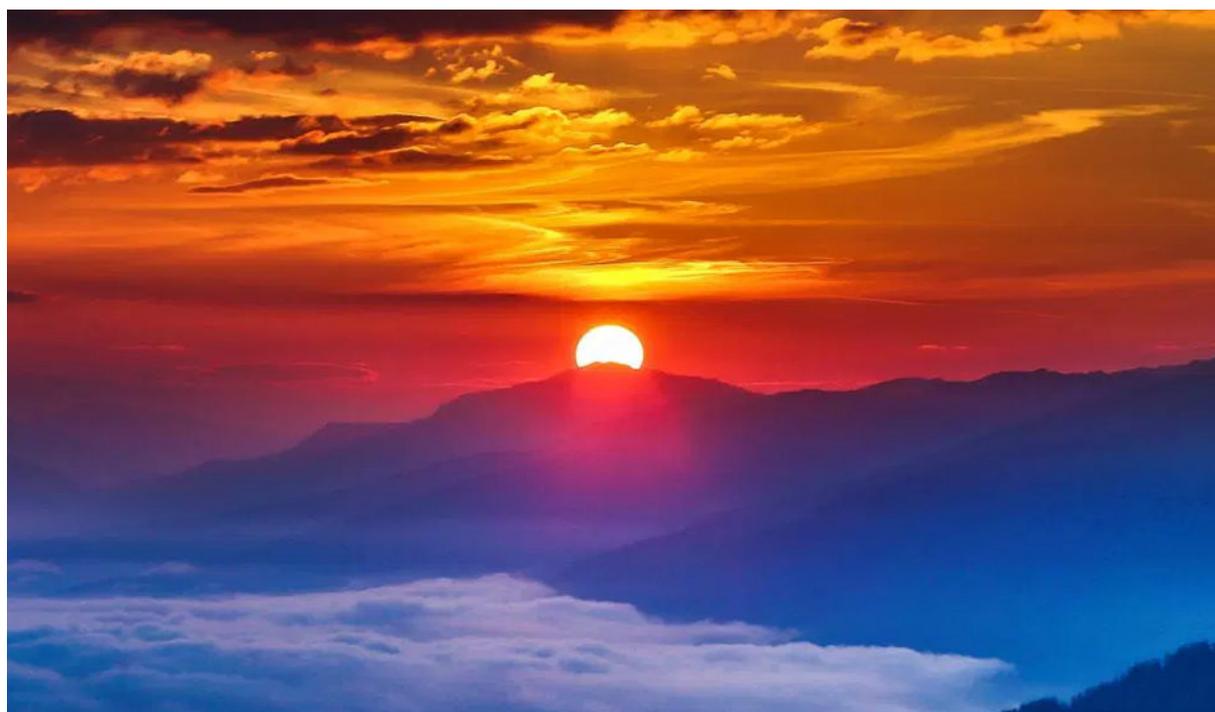
les que se lhes opõem, impedindo que qualquer pecador entre. Tente lhes informar que Cristo morreu para nos libertar de todo jugo, e eles gritarão com você em letras maiúsculas: “VOCÊ NÃO FAZ POR MERECE!”

Triste saber que não basta evangelizar o mundo, é preciso primeiro evangelizar nossos irmãos.

No amor do Pai,

Roger

A Deus o que é de Deus



Quando Deus nos deu o sol, Ele poderia até se limitar a dar um pontinho de

luz que nos trouxesse igualmente os benefícios do crescimento de plantas, da evaporação para as chuvas e tudo mais, mas Ele foi além, fez do pôr do sol um show de luzes e cores. Da mesma forma, Ele poderia ter feito as flores todas de uma cor só, com o mesmo cheiro, e nós sequer saberíamos que isso tudo podia ser mais bonito. De igual modo, poderia ter feito todos os peixes iguais e da mesma cor. Mas em tudo isso, Deus não se limitou ao normal, ao comum, ao simplório.

Talvez, aqueles que o receberam, tenham herdado um pouco dessa essência e, por isso, quando vão lhe devolver a honra e a glória tentem ser extravagantes. Entregar a Ele o resto do tempo, o que sobra da atenção, o que não se precisa mais, o ensaio normal, o culto regular, a oferta que não custa quase nada, é a essência do mesquinho, do medíocre, do avarento.

Talvez, e só talvez, a excelência seja uma obstinação para aqueles que veem nela a representação exata daquilo que é o nosso Deus. Talvez, ao olharem para a Sua entrega, dando o Seu melhor para morrer em nosso lugar, eles tenham entendido que Deus não entrega o bom, mas sempre o melhor. Talvez, e só talvez, eles tenham olhado para o presente da vida e tenham dito: esse presente poderia ser eterno, e Ele os ouviu.

Talvez, e só talvez, seja por isso que o diabo tenta a todo custo reivindicar para si a melhor luz, o melhor aplauso, o melhor som, o melhor espetáculo, o melhor palco, o melhor evento. Ele, o enganador, diz que tudo isso é dele, porque só ele é quem merece o melhor. Sua mentira e seu espírito invadem a mente de muitos que devolvem, então, para o Eterno, o pior, o resto, o feio, a nota qualquer, a desafinação, o descompasso, o “não ensaiei, mas é pra Gezuis”.

Você pode até continuar o seu discurso de entrega da manjedoura, mas talvez

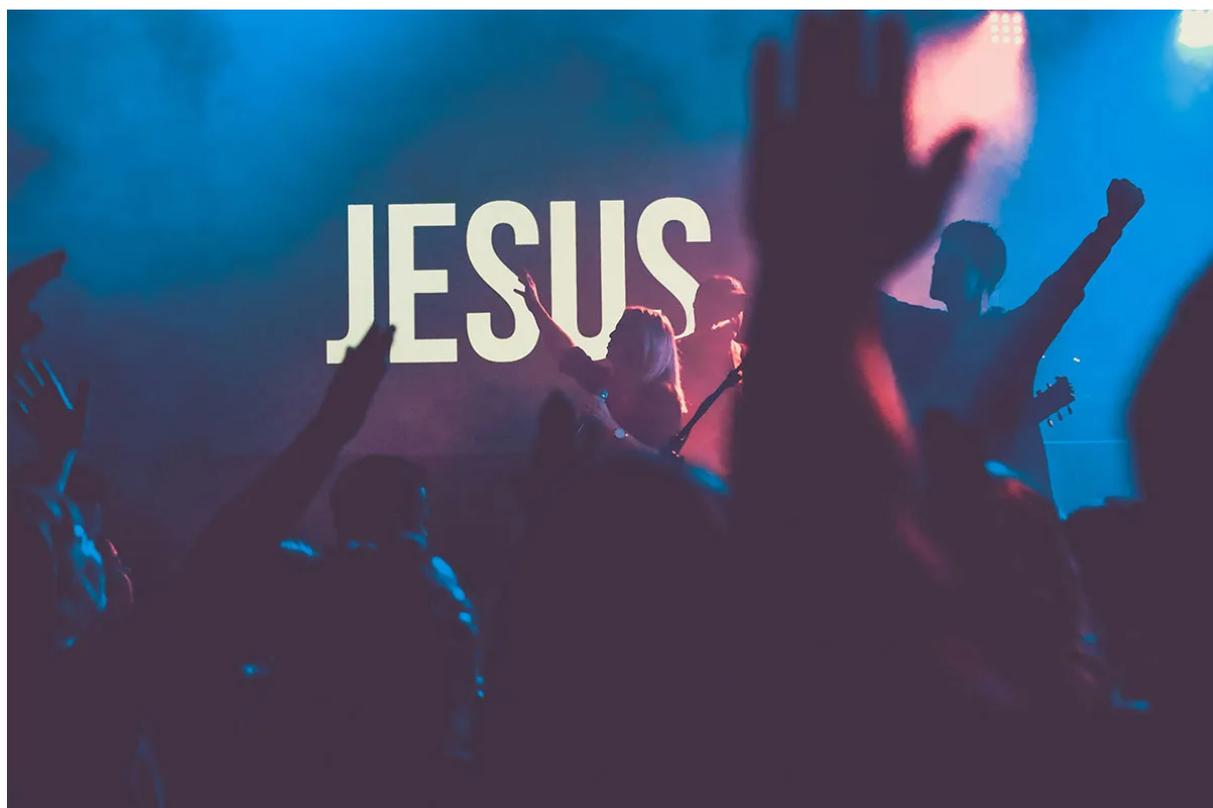
se espante quando Ele voltar, envolto em toda Sua majestade e glória. Você pode até adorá-lo como o Servo Sofredor, Ele sempre receberá sua adoração porque entende nossa ignorância, mas a um rei não se dá lembrancinha, se dá ouro, incenso e mirra.

“Não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que não me custem nada”
(II Sm. 24.24)

No amor do Pai,

Roger

A igreja da parede preta



Recentemente, um perfil muito conceituado no Instagram publicou uma enquete: “*Você acha certo usarem jogo de luz nas igrejas?*”. Confesso que, a princípio, achei a enquete do **Gospelmente** um tanto quanto irrelevante. Porém, para minha surpresa, o post teve uma infinidade de comentários. Admito que eu estava completamente enganado, porque a enquete trouxe luz sobre as trevas que pairam na mente de muita gente. Explico!

Por que eles pintam a parede de preto?

Geralmente, as igrejas que usam iluminação própria para eventos têm também telão de led ou projeção, naquele sistema *edge blending* com 2 ou mais projetores. Como os projetores dependem da luz refletida, eles funcionam melhor em ambientes escuros. Por conta disso, as igrejas que optaram por esse sistema estão pintando todas as suas paredes de **preto**. Os técnicos que projetam esse tipo de ambiente justificam que a iluminação focada no preletor **reduz praticamente a zero toda distração** com pessoas andando ou músicos nas laterais do palco, por exemplo. *(Aqui, tenho que admitir: é desanimador pra nós pregadores, igreja com portas laterais [abertas] - a igreja simplesmente desvia o olhar toda hora e se desconcentra da mensagem).*



The advertisement features a purple and blue gradient background. On the left, there is a logo for 'START ONLINE' consisting of two stylized open books in white and blue, with the word 'START' in large white letters and 'ONLINE' in smaller white letters below it. Below the logo, the text 'Curso de Discipulado GRATUITO' is written in white. On the right, there is a call to action in white and yellow text: 'Ajude os novos seguidores de Jesus em sua caminhada de fé! START - Um curso de discipulado totalmente gratuito. Inscreva-se já!'. A blue and white circular icon with two arrows is located in the top right corner of the advertisement.

Preconceito?

Antes de falar sobre as **igrejas pretas**, permita-me falar sobre algo realmente maligno. O post trouxe à tona todo o pleonástico preconceito maligno e místico de associar a cor preta a tudo o que é errado, feio, proibido, rejeitado. Independente do seu posicionamento quanto a pintar a igreja de preto, é muito arriscado justificar uma contraposição a isso com argumentos do tipo “*o branco é a cor da paz*”, “*o preto é do diabo*”, “*o céu é claro*” (se Jesus voltar à noite, no Brasil, cê fica, né?). Só falta o crente dizer que gosta de branco porque Jesus era branquinho... Sangue e fogo!

Portanto, se você acredita que o “correto” é a igreja ser branca, tá tudo bem! Mas, pelo amor de Deus, pare de dizer que o preto é do diabo porque, além de essa ser uma frase que cheira a racismo, esse infeliz só é dono de quem comete pecado (I Jo. 3.8).

Agora, precisamos ponderar, qual o significado de Lúcifer? Bem, do hebraico *Heylel*, significa “portador de luz”. Sabemos que essa ideia de achar que o diabo é preto e feio é a maior enganação de todos os tempos. Os estudiosos são quase unânimes em atribuir os textos de Isaías 14 (Is 14.11-15) e Ezequiel 28 (Ez 28.11-19) a Satanás, e em Ezequiel lê-se que ele era “...*modelo de perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza.*” É por isso que somos muitas vezes seduzidos e enganados por aquilo que é belo, já que no imaginário coletivo espera-se a tentação com chifres e rabo.

“A igreja está imitando o mundo”

Mas quem defende as igrejas de paredes brancas não se limita a atribuir uma determinada cor a algo sagrado, seu principal argumento é: “*A igreja está imitando o mundo*”. Bem, temos que admitir que a justificativa de não poder uti-

lizar-se de uma iluminação de show porque isso é usado no “mundo” não é das melhores, se fosse, teríamos que arrancar todos os microfones da igreja, pois eles também são usados na balada, por exemplo.

Finalmente, um ponto que não contribui em nada para essa discussão é que muitos têm um discurso embebido no ódio e no desrespeito, não fazem uso de um versículo sequer e falam que não foram ensinados assim, que esse não é o costume de suas denominações... Sim, precisamos respeitar o costume das nossas igrejas tradicionais, cresci em uma delas, ministro e continuarei ministrando nelas independente da cor de suas paredes, pois não ministro a elas (às paredes), mas aos salvos!

Por outro lado, também temos que admitir, é inacreditável que, durante décadas, brigamos (literalmente, às vezes) por conta de usos e costumes para que tivéssemos um pouco mais de liberdade para sermos pessoas “mais comuns” do ponto de vista social, e agora estamos pedindo para que o costume de ter uma igreja branca seja mantido. É preciso muito cuidado para não fazermos disso um legalismo sem base bíblica.

Conclusão

Concluo lembrando que uma igreja em que o centro da mensagem é o homem, em que toda luz plena serve apenas para destacar o ego e a necessidade de se brilhar entre os seus irmãos e em que os “louvores” são humanistas e falam exclusivamente do triunfo do homem, de revanches ou de vingança, pouco importa a cor de suas paredes, ela sempre será uma igreja do diabo. Pense nisso.

No amor do Pai,

Roger

Posso chamar Jesus de Você?



Deus tem me dado o privilégio de ter em meus seminários e palestras, pessoas de todas as idades. No último seminário que fiz, inclusive, fiquei honrado demais por ter conosco uma querida irmã de quase 70 anos – meu pastor fez questão de me mandar mensagem no momento em que viu a foto da formatura, dizendo que isso não tinha preço! E, de fato, que honra!



Então, foi nessa mesma palestra que surgiu a tal pergunta. Eu falava sobre os conflitos entre as gerações X e Y, e suas implicações na musicalidade cristã, quando uma moça de 20 anos perguntou se podia chamar Jesus de “você”, e olhou pra mãe... Quase que imediatamente houve um alvoroço no seminário (rs). Mãe e filha começaram a rir, mas também a justificar seus posicionamentos sobre respeito, costumes e reverência. A mãe, evidentemente, falava sobre o respeito que tinha com seus pais e que tinha que chamá-los de “senhor” e “senhora”. A filha, porém, justificava dizendo que nunca chamou a mãe de “senhora” simplesmente por não ser um costume de sua geração, mas que mesmo assim a respeitava profundamente.

A verdade é que, só essa semana eu recebi mais de 10 mensagens perguntando o que eu achava dessa questão. Bom, você já deve saber que existem 2 times aí, o [#TimeVoce](#) e o [#TimeTu](#). Mas para que possamos ser edificados e conviver pacificamente em nossas comunidades de fé, lhe aconselho a não

colocar a camisa do seu time antes de chegar ao final deste artigo. Tente ser o mais neutro possível, ok?

Uma boa comunicação

Antes de tudo, preciso salientar o quanto a boa comunicação é imprescindível na proclamação do evangelho. Se você me segue há algum tempo, deve saber o quanto eu sou cuidadoso com o português. Porém, muitas vezes, propositadamente, eu “como” alguns plurais simplesmente para me aproximar mais do meu público alvo (paulistas em sua maioria, cuja não pluralização é comum por aqui rs). O que quero dizer é que é imprescindível alinhar o discurso para que o anúncio do evangelho não seja prejudicado. Quando falo a adolescentes, não economizo no “mano” ou nas “treta” com o irmão, mas eu jamais falaria assim no congresso das irmãs belemitas. Por que? Respeito! O mesmo motivo pelo qual uso gravata em algumas ministrações. Odeio, mas respeito.

A questão de chamar Jesus de “você” tem tudo a ver com o que a menina falou em meu seminário – ela simplesmente cresceu sem jamais ouvir seus amigos chamando os pais de “senhor” e “senhora”. Mas e a Bíblia? Ela diz algo sobre isso?

A língua portuguesa

Bom, antes de falar da Bíblia, é preciso falar da língua portuguesa. Sabe-se que em Portugal, chamar o outro de “tu” é a forma mais comum e informal há muito tempo. Lembre-se que quem traduziu a nossa primeira versão da Bíblia foi João Ferreira de Almeida, um português! Portanto, o “tu” não é exatamente uma questão de respeito ou formalidade nos textos sagrados brasileiros, mas uma questão linguística. Era simplesmente o jeito que se falava comumente (e se fala até hoje) em Portugal ao se referir ao outro.

Bom, e o tal do “você”? Faça uma rápida pesquisa no Google e você verá que “você” veio de “vossa mercê” - que era o elevado tratamento dado na terceira pessoa aos reis de Portugal, portanto, era tratamento altamente respeitoso. Já o “tu” era usado entre o povão mesmo e na intimidade, de pai para filho, com os criados etc. Ou seja, os dois tratamentos têm em sua origem exatamente o sentido contrário ao que entendemos hoje como um tratamento respeitoso.

Grego e Hebraico

E a Bíblia? Bom, do pouquíssimo que estudei sobre grego e hebraico (línguas originais da Bíblia), não há distinção entre esses pronomes, mas esse é um estudo que requer mais profundidade, e não tenho competência para tal. Porém, há estudiosos que dizem, por exemplo, que o “su” (pronome pessoal da segunda pessoa do singular, em grego) é usado tanto por Pedro quanto por Jesus ao se referirem um ao outro em João 21. Assim, a distinção que a NVI, por exemplo, faz entre “tu” e “você”, simplesmente não existe no original.



Jesus e Pedro utilizam o mesmo pronome pessoal no grego para se referirem um ao outro (Jo. 12.15,18)

A geração Z

Bom, além de tudo que colocamos até aqui, temos ainda a questão da Geração Z, que por ser altamente globalizada é vidrada em versões. E sabemos que o americano usa “you” indistintamente já há muito tempo. O que melodicamente foi ótimo para a minha geração, a gente sempre traduziu “You are” como “Tu és” - métrica e significados perfeitos!

Evidentemente, esse é apenas um artigo num oceano de argumentações que ainda incluem o fato de o próprio Deus ter “dificuldade” em nos informar Seu nome. “Dificuldade” esta pela óbvia distância da qual nós, meros mortais, estamos da dimensão do Eterno, que tenta simplificar dizendo: “Me chame de EU SOU!” - e cá pra nós, você acha mesmo que essa pequena frase consegue resumir a imensidão do nosso Deus? Pra mim, palavras não podem expressá-Lo!

Posso chamar Jesus de “você”? O que a Bíblia diz?

Enfim, posso chamar Jesus de “você” ou tenho que chamá-Lo de “Tu”? Bem, vamos à Bíblia?

Particularmente, eu duvido que isso faça qualquer diferença para o Senhor, afinal, reverenciá-Lo com palavras e ofendê-Lo com atitudes é algo incompatível, não é? Naquele dia, muitos o chamarão de Senhor e Ele sequer sabe quem são esses. Mas há um ponto crucial na questão.

A Bíblia diz: *“Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que é que vocês, então, como se ainda pertencessem a ele, se submetem a regras: ‘Não manuseie!’ ‘Não prove!’ ‘Não toque!’? Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinamentos humanos.”* (Cl. 2.20-22).

Nós já estamos cansados de saber que usos e costumes simplesmente passam! E mais, eles atrapalham por demais a nossa fé! Por que? Oras, o próprio apóstolo explica na continuação do texto: *“Essas regras têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne.”* (Cl. 2:23).

Por isso, eu pergunto, você acha que chamar Jesus de “Tu” faz de você alguém mais reverente do que o adolescente que canta *“Só quero... só quero ver Você?”*? E mais, você acha que há alguma diferença entre o anseio deles e o seu em *“A face adorada de Jesus verei. Com a grei amada, no céu estarei!”*?

(“Pai, o que é grei?”)

Mas calma, #TimeVoce! Você acha mesmo que é chatice dos seus pais odiarem ouvir canções que chamam o nosso querido Jesus de “você”? Você tem que entender que a vida inteira eles se referiram ao Senhor como “Tu” e isso está tão enraizado em suas mentes quanto a história de uma certa apresentadora que chamava o Eterno de “O cara lá de cima” porque não podia pronunciar o nome Dele, já que tinha contrato selado com o lado negro da força. Mas me parece que esse contrato foi rescindido há alguns anos (rs).

Além disso, não se trata apenas de respeito. Trata-se de mandamento bíblico. Sim, galera, mandamento: *“...tenham cuidado para que o exercício da liber-*

dade de vocês não se torne uma pedra de tropeço para os fracos. (...) Assim, esse irmão fraco, por quem Cristo morreu, é destruído por causa do conhecimento que você tem. Quando você peca contra seus irmãos dessa maneira, ferindo a consciência fraca deles, peca contra Cristo.” (I Co. 8:9-12).

Você pode torcer o nariz o quanto quiser, isso é Bíblia! Gostando ou não, o mais prudente é você reservar os louvores “a Você” para a reunião dos jovens, da galera. O que te custa!? Porque se te custa tanto assim fazer isso e você TEM que tocar Souguellis, Alcântara ou Casa no domingo à noite, você não é adorador, você é fã! E mais, me parece que você não quer trazer as pessoas para perto, você quer segregá-las, e isso é rebeldia. Quer chamar Jesus de “Você”? Beleza, mas lembre-se de uma coisa: “...vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, SIRVAM uns aos outros mediante o amor.” (Gl. 5:13)

O verdadeiro ministro de louvor não canta o que gosta, canta o que edifica! O adorador autêntico não impõe, ele SERVE!

Sim, eu sei que a questão é complexa e que não se resolverá num simples artigo como esse, mas que o amor de Cristo nos constranja a ter sabedoria para lidar com o tema, com respeito, carinho uns pelos outros e muito temor ao Senhor.

Espero ter contribuído em sua jornada.

No amor do Pai,

Roger

Depressão: o corte que não sangra



Permita-me ser claro com você, eu evito falar sobre o período mais sombrio que enfrentei em minha vida, por três motivos. Primeiro, porque cuido da minha saúde emocional com zelo, visto que há uma possibilidade das lembranças me atormentarem. (Sim, Jesus cura depressão, mas é um processo, não um banho de amnésia). Segundo, porque jamais usaria de um vitimismo barato para alcançar qualquer tipo de visibilidade. E terceiro, porque não tenho formação na área de psicologia, por isso, sempre deixo muito claro que o que vemos em Aconselhamento Pastoral restringe-se ao ambiente acadêmico e ao

acolhimento em amor daqueles que nos procuram.

Porém, por nos calarmos, muitas pessoas acreditam que elas são as únicas que passam por problemas emocionais. Além disso, muitos cristãos, por estarem sob o preconceito do “depressão é falta de Deus”, sentem vergonha de admitir suas batalhas, às vezes, diárias, com essa enfermidade. Você precisa entender que a maioria dos crentes tem um mal: eles não admitem não ter resposta para tudo, acham isso uma fraqueza, e por isso dizem qualquer coisa: “Isso é mistério...”, “As coisas encobertas são para Deus”, “O que faço agora entenderás no futuro...” e um monte de outras frases vazias e descontextualizadas que, na verdade, apenas denotam nossa preguiça na busca pela sabedoria.

Então, queria muito que você soubesse: sim, eu sei o que é ter que parar o carro no acostamento de uma rodovia por uma síndrome do pânico. Um desespero descomunal que lhe tira o controle das atividades mais corriqueiras. Eu sei o que é sentir a queda de pressão ao ponto de quase desmaiar por uma simples notificação de celular (eu vivi isso por 1 ano inteiro!). Eu sei o que é passar noites em claro querendo chorar pra ver se há um pequeno alívio da dor no peito, mas por algum motivo, o organismo simplesmente não permite o choro. Em um desses dias, liguei para minha mãe em desespero às 5:00 da manhã! A oração dela serviu-me de anestésico nesse dia, e eu simplesmente adormeci com o celular na mão.

Um dia, durante uma sessão de aconselhamento, minha conselheira disse que enquanto eu desabafava, eu olhava fixamente para a sacada. Ela me disse, posteriormente, que minha postura, a perna inquieta e a projeção para a janela davam-lhe a entender que eu me jogaria a qualquer momento. Ela disse que ficou preparada para se jogar em cima de mim, se fosse preciso. E eu poderia lhe contar uma dezena de outras situações, mas só quero que você entenda

uma coisa: você não é o único! Você não é a única! Meu objetivo com esse texto é apenas um: gerar esperança no seu coração. Para isso, embora nesses processos tudo seja muito subjetivo, permita-me também lhe dizer no que eu creio.

Creio que Jesus cura depressão!

Talvez, a falta de fé nessa afirmação seja o nosso [pré] conceito quanto à forma de Jesus efetuar essa cura. Esperamos o milagre instantâneo. Esperamos o mover das águas em um culto especial. Esperamos a palavra de profecia. Sim, eu creio em tudo isso, mas há também outra forma de Jesus curar: Ele cura através de pessoas! Se a igreja é o corpo de Cristo, com suas muitas funções, uma delas é nos curar. A Bíblia diz que quando confessamos as nossas culpas uns aos outros, através dessa oração mútua, somos curados (Tg. 5.16). Oras, sabemos que a culpa está ligada aos gatilhos mentais que desencadeiam os processos de depressão. Por isso, afirmo sem medo, a Palavra de Deus e a oração de um justo podem lhe trazer um efeito terapêutico poderosíssimo! Faça uso sem qualquer restrição.

E os psicólogos? Bom, assim como existem bons médicos e médicos ruins, existem os bons e os maus psicólogos. Não posso afirmar que um psicólogo cristão seja melhor que um que não professe a nossa fé, tudo o que posso dizer é que se aquele profissional desmerecer, desprezar ou atacar a sua fé, este profissional é ruim. Por outro lado, lembre-se que muitos problemas emocionais vêm de uma expectativa errônea a respeito da nossa fé. Portanto, nada melhor do

que buscar a ajuda do seu pastor e de um bom médico simultaneamente.

Finalmente, e o diabo? Bom, respeito quem pensa diferente, mas pra mim, ele se aproveita, sim, dessa enfermidade para nos oprimir e afastar dos caminhos de Deus. Acredito que, tal como a brincadeira do dominó, uma peça vai derubando a outra. Nos frustramos em algum momento da vida, permitimos uma raiz de amargura brotar, nos afastamos de Deus, o diabo aproveita a brecha pra nos oprimir... e assim, tudo vai desmoronando aos poucos. Mas não se preocupe com ele, como sempre me ensinou minha mãe: repreenda-o! Nós não temos ideia, de fato, do poder que há no nome de Jesus. Sempre que os pensamentos depressivos me vinham à mente, eu seguia o exemplo do salmista e falava com a minha alma: *“Por que você está assim tão triste, ó minha alma? Por que está assim tão perturbada dentro de mim? Ponha a sua esperança em Deus! Pois ainda o louvarei; ele é o meu Salvador e o meu Deus!”* (Sl. 42.11). Depois disso, eu me dirigia ao perdedor: *“Ei, diabo, eu te repreendo em nome de Jesus! Fora daqui com esses pensamentos malignos!”*

Olha, se você chegou até o fim desse longo texto, é porque você está realmente interessado no assunto, e isso demonstra o quanto você se preocupa com alguém que você ama ou consigo mesmo. Para você, minha palavra de carinho, amor e esperança: vai passar! A propósito, você sabia que a Bíblia manda você se amar? Ela o diz de forma indireta, quando Jesus diz para amarmos o outro como nos amamos (Mt. 22.39). Oras, a Bíblia é uma espada que corta dos dois lados – se você não se amar, como poderá cumprir esse mandamento? Cuide-se! Busque ajuda, ok?

Que Deus te abençoe! Estou orando por todos os que tiverem a oportunidade de ler essa mensagem. E se você conhece alguém que está passando por um tempo assim, compartilhe!

No amor do Pai,

Roger

Parábolas da ansiedade



Algumas vezes, Jesus falava por parábolas para facilitar a compreensão de alguns princípios, outras vezes, o fazia para restringir a compreensão apenas aos escolhidos. Esta geração não lê. Os comentários bíblicos, estudos e artigos tornaram-se as parábolas de nosso tempo, facilitam a compreensão, mas são verdadeiras mensagens criptografadas para essa geração, não é à toa que ela escreve tão mal e morre de ansiedade.

Porém, seguindo o bom e velho conceito de oferta e demanda, essa ansiedade precisa ser saciada em 15 segundos de uma “storie” ou, no máximo, em um

videozinho rápido que mastigue bem a mensagem. Quem vai perder 30 ou 40 minutos num vídeo de pregação genuinamente bíblica, por exemplo? Na verdade, se você está lendo esse texto até aqui, você é privilegiado, sim!

Mas a maior ansiedade entre os crentes, sem dúvida, é a tal da questão da honra. Em Seu célebre Sermão da Montanha, Jesus nos disse para nos alegrarmos quando fôssemos humilhados por Sua causa. Mas não só isso, nos garantiu que, por conta disso, teríamos uma recompensa no Céu. Parece-me que essa não tem sido a filosofia de vida de muitos cristãos. Não apenas não admitem serem humilhados, como esperam receber honra aqui. E o pior, na maioria esmagadora dos casos, a tal humilhação é por conta de brigas ridículas dentro da igreja por opiniões diferentes ou simplesmente por consequência de seus próprios pecados, afinal, “de que se queixa o homem”? (Lm. 3.39)

É em meio a esse cenário de ansiedade e busca por honrarias nesta vida que proliferam as pregações e canções “afaga ego”. Mensagens que partem de princípios bíblicos, mas sutilmente são infestadas de gatilhos mentais que apenas alimentam (e saciam) o desejo pecaminoso de se ver recompensado na frente de seus inimigos. Inimigos esses, muitas vezes, filhos do mesmo Pai e membros da mesma igreja local.

A sutileza desse evangelho humanista diz que Deus honra os Seus aqui para que Ele seja glorificado. Já o evangelho genuíno diz que Ele é glorificado quando damos muitos frutos! (Jo. 15.8)

O evangelho antropocêntrico ainda utiliza textos da antiga aliança para justifi-

car seu anseio pela honra. Alegam que Deus disse que “honraria aos que lhe honrassem” (1 Sm. 2.3). Insensatos! Se esquecem de que a continuação do versículo, “...os que me desprezam serão desprezados”, foi rescrita na cruz, pela Palavra do Bom Pastor que busca a ovelha desgarrada, que através da Sua imaculada igreja insiste com o mais terrível dos pecadores e que arremata cabalmente ao nos garantir que “se somos infiéis, ele permanece fiel” (2 Tm. 2.13). Glória a Deus!

Na nova aliança, segundo a tradição, Pedro teria rejeitado a honra de ser crucificado como o seu Senhor, e insiste que o crucifiquem de cabeça para baixo! O mesmo Pedro e alguns apóstolos, talvez com as costas ainda sangrando dos açoites, “saíram do Sinédrio, alegres por terem sido considerados dignos de serem humilhados por causa do Nome.” (At. 5:41). Me faltaria tempo para citar todas as vezes que esses homens que andaram com Jesus ressignificaram a palavra “honra”, mas Pedro... ah, esse realmente mudou o sentido de “honra”, dizendo “...alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, QUANDO a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria.” (1 Pe. 4:13).

Acorda, igreja! Não aceite essa anestesia dominical que tenta compensar as dores do caminhar com uma promessa de honra nesta vida que o Senhor Jesus jamais aprovaria. Nossa maior honra foi sermos vivificados quando estávamos ainda mortos em nossas ofensas e pecados. Deus não é glorificado quando somos honrados em detrimento de outros, por sua humilhação. Deus é glorificado quando refletimos o Seu caráter, Sua mansidão e Seu amor.

Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. Glória, pois, a Ele eternamente. Amém! (Rm. 11.36)

No amor do Pai,

Roger